

»Ja, n...
»Let...
...s? ...
...ch bitt...
...uskel...
...d da...
...ch p...
...ht b...
...I sp...
...wacj...



**FOGO
NOS
RACISTAS**

Academia
Insurgente
de Letras

MANIFESTO & ANTOLOGIA INSURGENTE



liberté,
égalité,
aberté.



**MANIFESTO
INSURGENTE**

2023

AUTORES E AUTORAS

Antônia Lino
Daniela Nunes
Mona Lisa Silva
Marcos de Sá
P. R. Schneider

INSURGIR PARA EXISTIR

Nós, escritores da periferia, erguemos nossas vozes em uníssono, para ressaltar a importância e valorizar a nossa presença e contribuição na cena literária. Representamos personagens historicamente silenciadas, trazendo à tona histórias e experiências para além da marginalidade que a sociedade nos condiciona. Nossas palavras nascem das lutas diárias, da resistência cotidiana, das realidades cruas e também dos afetos que nos definem, das alegrias que construímos. Somos narradores das nossas próprias vidas, expressando a complexidade das nossas comunidades e trazendo à tona as questões que permeiam nossas vidas. É chegada a hora de romper o tecido que nos sufoca e nos periferiza, nos aprisiona e nos transforma em

subalternizadas. Somos muito mais do que meros espectadores das movimentações literárias. Somos sujeitos de mudança, utilizando a literatura, como ferramenta de empoderamento e transformação. Nossas palavras são um grito de liberdade, de esperança e de resistência. A diversidade de vozes que emerge das periferias é um tesouro cultural que merece ser celebrado e reverenciado. Não somos apenas vítimas, somos protagonistas das nossas próprias narrativas e reivindicamos - e ocupamos - espaços de fala e reconhecimento, pois a nossa literatura é marginal, é essencial. Precisamos que nossas vozes sejam ouvidas, que nossos livros sejam lidos, discutidos e disseminados. Queremos estar presentes nas prateleiras das livrarias, nas escolas, nas bibliotecas e mais ainda onde os nossos aprendem e se reconhecem como agentes da mudança. Queremos inspirar as novas gerações, mostrando-lhes que a literatura pode ser uma ferramenta de transformação e uma ponte para um futuro mais justo e inclusivo. A escrita é nossa arma contra a invisibilidade, a exclusão e a marginalização.

Ela nos permite reescrever nossa própria história, resgatar nossa identidade e compartilhar nossa visão de mundo. Através da literatura, quebramos barreiras e construímos pontes entre diferentes realidades, promovendo o diálogo, a empatia e a compreensão mútua, aquilombando nossos experimentos poéticos como noções claras de identidade. Convocamos os leitores, editores, professores, bibliotecários e todos os amantes da literatura a abrirem espaço em suas práticas, eventos e publicações para os escritores da periferia. A literatura da periferia é uma fonte inesgotável de sabedoria, reflexão e arte e mais ainda um nervo criativo que merece ser reconhecido e expandido. Nossas histórias são parte integrante da cultura brasileira e mundial, e é chegada a hora de ocuparmos o que nos é de direito. A capacidade de criar, pensar e dialogar nossa intelectualidade atravessa nossa ancestralidade, os nossos mortos que ansiamos por nomear e contá-los, permitir que possam ser vistos e respeitados. Cada letra como um traço inapagável de nossas próprias construções como indivíduos

coletivos, organizados pela mudança, pela vida. Nossa escrita abarca o mundo que o sistema insiste em esconder, somos o rio por baixo do mar, a serpente por entre a folhagem, o sol que brilha na noite, somos o atabaque ecoando dos terreiros, aqueles e aquelas que se recusam a sucumbir. Que a Casa Grande queime pois a Senzala ruiu!

*“Brasil, meu nêgo
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”*

Samba Enredo - Estação Primeira de Mangueira 2019
Autores: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama,
Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino

A presente antologia foi composta de forma independente e sem atributos financeiros.



ANTÔNIA *lino*



PROFESSORA, ESCRITORA E CONTADORA DE HISTÓRIAS. DESDE CRIANÇA É APAIXONADA PELA LITERATURA, ESPECIALMENTE A LITERATURA INFANTIL. JÁ ESCREVEU LIVROS INFANTIS DE FORMA INDEPENDENTE. TAMBÉM PARTICIPOU DE DUAS ANTOLOGIAS: SOMOS A PERIFERIA QUE ESCREVE E ESTILO E POESIA. "OS SONHOS SÓ SE TORNAM IMPOSSÍVEIS QUANDO DEIXAMOS DE ACREDITAR NELES". ESSE É MEU LEMA.



NEGRA COMO A NOITE

Hoje eu posso dizer que tenho orgulho de quem sou.

Isso me foi negado!

Eles queriam que a gente se visse como os renegados.

Hoje aprendi que preciso ter orgulho do que eu sou.

Mesmo que abusem em nos colocar num não lugar,

Mesmo que digam que a minha cor não é bonita,

Mesmo que tentem me roubar a auto estima, eu tenho orgulho!

“A noite é preta e maravilhosa.”

Quando descobri que eu não era sozinha

Tive orgulho de mim,

Dos meus traços,

Da minha cultura e do meu povo.

Desde então, tento fazer com que as pessoas que estão por perto se orgulhem também.

E que a gente se olhe e se reconheça uns nos outros.

Que nós tenhamos a nós mesmos como referências.

Nossos traços,

Nossos jeitos,

Nossos corpos,

Negros,

Pretos,

Como a noite

nós somos e para sempre seremos.

OS OLHOS DA ALMA

Existem olhos que enxergam o que nem a mais alta tecnologia vê.

São os olhos da alma.

Eles enxergam através do seu ser, tudo aquilo que está guardado dentro de você.

Esses olhos pertencem aquelas pessoas sensíveis e que são capazes de sentir a dor da outra pessoa.

Esses olhos também escutam e tem o poder para curar as doenças que nem os médicos e remédios curam.

Os olhos da alma não tem cor, apenas um brilho.

Os olhos da alma pertencem a pessoas como eu ou você.

Pessoas que levam poesia, sentimento e alegria.

Pessoas que com seus olhos podem simplesmente te paralisar e te encantar,

levando o mais profundo sentimento até a sua alma.

Os olhos da alma são daqueles que são mais coração do que razão.

Pessoas abençoadas por Deus, assim como você.

PESSOAS INVISÍVEIS

Algumas vezes você já se sentiu invisível?

Passou, deu bom dia e nem se quer levantaram a cabeça para te responder?

Quantas pessoas são invisíveis nesse mundo!

O negro, o pobre, o favelado.

O gordo, deficiente e tantos outros são marginalizados.

Pessoas invisíveis que só são visíveis em época de eleição ou quando são vítimas de discriminação.

Nesse mundo de meu Deus há tantas pessoas invisíveis.

É triste saber que tem gente que se acha superior:

Porque é um doutor e despreza o zelador.

Porque tem um carro importado e xinga outros de macaco.

Ainda falam que é” mimi.”

Mas eu não vou desistir.

Falarei sim de igualdade

De justiça e reciprocidade.

Não me calarei e por igualdade até o fim lutarei.

POBRE MENINA

Eu calço um par de sapatos velhos, pois não
tenho dinheiro

Para um sapato novo comprar.

Sou uma menina pobre

Desfilando numa pista de madeira.

Sou uma menina pobre

Uma pobre menina sem dinheiro.

Essa tal democracia

Me fez uma pessoa

Sem direito, só deveres, me fez assim.

A minha pretensão é um dia viver no luxo

Não ter que comer farinha

Para encher o bucho.

Mesmo passando grandes lutas

Não vou desistir

O fato de ser pobre

Não me torna menos nobre

A única chance de mudar a realidade

É não sucumbir a tudo que está aí.

Seja forte menina

Mude sua própria sorte

Não venda seu voto

Não venda sua vida

Só você pode dar outro rumo

Só você pode escrever uma nova história.

DANIELA

nunes

SOU FILHA DE FRANCISCA E ROSIANA, E TIA DE TAINÁ CECÍLIA. SOU GRADUADA EM SERVIÇO SOCIAL, E AUTODIDATA EM FILOSOFIA. SOU ESPÍRITA, RESIDO NO BAIRRO BOM JARDIM HÁ 37 ANOS. APRENDO COM LIVROS E COM A NATUREZA. NAS HORAS DE LIBERDADE, CANTO COM RAUL SEIXAS. FAÇO AMOR COM JAZZ E BLUES. DANÇO COM BOB MARLEY E PONTO DE EQUILÍBRIO. NAMORO COM GONZAGUINHA E ADRIANA CALCANHOTO. REFLITO COM RUBEM ALVES E KHALIL GIBRAN. MINHA INSPIRAÇÃO EM ESCREVER ESTÁ CONTIDA NA SENSIBILIDADE DA DOR, DA ALEGRIA DAS CENAS DA VIDA. MORRO E REENCARNO TODOS OS DIAS. ME APAIXONO POR ALMAS E ACREDITO EM ANJOS.



Jungi
il seve, ve
roboto,
stail
Bliz
gange em
Pulpani bo
diztop
Cis

MENINOS DO SINAL

Era noite de Réveillon, faltavam menos de dez minutos para os fogos começarem a dançar no céu estrelado daquele dia, considerado sempre tão especial.

O trânsito estava parado, a cidade, uma loucura. Todos queriam chegar nas suas casas, bares, igrejas, ou seja, em algum lugar para comemorar a passagem do ano.

Nesse momento, dois meninos em situação de rua passeavam entre os carros e motos, com rodo, flanela e sabão. Tentavam limpar os vidros dos carros para ganhar um trocado.

Como esperado, começa a liberação dos fogos, cores, festança e sons nas avenidas se faziam presentes.

Os dois garotos se abraçam, felicitando-se. Pés descalços, pulavam de alegria. Estavam vestidos apenas com a roupa da humildade, dando espaço para a doce simplicidade que tomou conta do momento, fortificando os corações, construindo uma memória de quem consegue apreender o amor.

Finalmente o sinal abre, o trânsito se apazigua, se alegra, liberando a passagem. E os dois garotos de mãos dadas e corpos felizes saltitam na avenida movimentada, e mais um ano se despede, para a chegada de um ano mais feliz, de luz e com mais amor.

OLHA A TAPIOCA!

Todos os dias, às sete horas da manhã e às duas horas da tarde, a comunidade escuta gritar o tapioqueiro.

_ Olha a tapioca!

Quem passa na rua logo compra a tapioca que é feita por ele mesmo. A vizinhança o chama de tapioqueiro. Ele percorre as ruas, respeitando sempre a sua rotina e a dos seus compradores. Sendo conhecido pela sua forma alegre de vender a tapioca, grita em bom som, todos os sabores que prepara.

As pessoas perguntam a ele.

_ Rapaz a sua garganta não dói ? Desse jeito vai acabar ficando doente.

E ele alegre responde:

Minha senhora, a voz da gente, é um dom de Deus.

E continuava a fazer a sua propaganda, saia contente gritando pelas ruas, vendendo a sua gostosa tapioca.

Mas a comunidade sabia que o bairro estava em guerra, e o tapioqueiro não passou despercebido, numa noite, escuta-se papoucos de balas, muito corre corre e gritaria.

Ao longe alguém se despede, deixando ecoar pelo ar frio daquela noite o dom de Deus. Seu grito agora é de dor. E a sua famosa frase, torna-se saudade nas manhãs e nas tarde da comunidade. Nos muros ficam as homenagens ao jovem tapioqueiro que nos trouxe felicidade.

A FESTA DA DONA CHIQUINHA

Dona Chiquinha, cabelos brancos, pele morena e enrugada, com os seus olhinhos brilhantes, sentada no jardim, espera cantarem os seus parabéns. Ao seu lado o seu sobrinho Sidney, que sempre lhe faz rotineiras visitas, conversam sobre o passado, resgatando histórias perdidas. Todos batem um papo alegre. Jeferson, amigo da família, menino que ela viu crescer, sempre pontual, chega sempre para tomar o seu cafezinho matinal, quando não aparece a velha já sente a sua falta.

No balançador feito de aparelho de telefone público, está o garoto Adriano, que sorri timidamente. Mais à frente está o homem da noite, o Feliziano, amigo de longas datas, sempre charmoso de chapéu na cabeça, pernas cruzadas e a língua musicalizada. Sentadinho está o filho mais velho, Jerônimo ou Alberto, ninguém sabe mesmo o nome, pois sua história guarda mistério, que numa conversa aqui e ali ela deixa soltar algo pelo ar.

Bem acomodada, está a Claudia, sua nora taurina, parece valente, mas na verdade é romântica e talvez carente. Escondida entre as flores está a Verônica, sua filha guerreira, silenciosa e sábia, essa é a chefe da casa. Sempre presente e obediente, dedicada a família, espírito resiliente. No teclado, está a bailarina Tainá, que toca feliz para todos se alegrarem. Garota que carrega no sangue a garra da mãe e da avó, são fortes e persistentes, nunca dormem no ponto, possuem sangue quente. Em algum lugar da casa alguém também está presente, apenas deseja ficar quietinho, conversando com os seus pensamentos, esse é o seu filho Petrônio, homem da natureza e da música, que nas tardes do dia hidrata a velhinha com água de côco.

É chegada a hora dos parabéns, e a aniversariante nos seus passos lentos comemora com os seus convidados os seus noventa e dois anos. E a cena vai se desfazendo, os bichos Gaspar, salsicha, Raite e pretinha, pulam de alegria, esperando jogarem o salgadinho pelo ar e na boca deles ficarem.

A velhinha caminha satisfeita para a sua cadeira de balanço, e a noite vai agradecendo a presença dos convidados e das energias que ali estavam presentes.

O BÊBADO E A ROSA

Na rua, um bêbado caminha atravessado.
Pará em frente a casa de Sofia.

Os cachorros da rua cheiram ele, que não demonstra medo e nem raiva. Começam a latir, fazendo festinha.

As rosas caídas no muro, chamam a atenção do homem que está bêbado até pelas canelas.

Ele senta no tronco de uma árvore, e começa a cantar olhando para a rosa.

E vai ficando, se acomodando naquele tronco que nada reclama.

Uma senhora aparece na porta e observa ele.

Ele aproveita e pede um cafezinho.

Ela um pouco desconfiada, dar uma xícara de café bem quentinho, e ele descaradamente pergunta:

Cadê o pão?

A mulher já quase zangada, Fala:

Tome esse café e vá embora da minha calçada.

E o bêbado pergunta:

Pois deixe eu carregar o meu radinho na sua tomada, ele descarregou.

A mulher não mede as palavras e os cachorros aproveitam e colocam o bêbado para seguir rumo.

E o homem sai cantando feliz com a rosa na mão e o rádio no bolso.

E os cachorros latindo atrás dele, feito passeata, se despedindo do visitante cantor.



MONA LISA

silva

**ANTROPÓLOGA, ATIVISTA
E PESQUISADORA NEGRA
NASCIDA E CRIADA NO
GRANDE BOM JARDIM.
APRENDIZ DE CAROLINA
MARIA DE JESUS, LILI DE
QUINTANA, ESCRITORA
SEM RUMO, ESPECIALISTA
EM PROCRASTINAÇÃO E
GAIATICES.**



SEGUIREMOS COM O TRÁFICO!

Luan era traficante e aliciava os pivetes aqui da quebrada. Ele começou devagarzinho, como quem não quer nada, mas era carismático como os pastores da igreja pentecostal e em pouco tempo já estava dominando toda a molecada. Ele lhes deu um propósito, e as mães - inclusive a sua, dona Cidinha - o admiravam por isso. Ele até organizou o tráfico, acredita? Bom, pelo menos até onde ele conseguiu. Fácil não foi, nunca é, mas ele foi lá. Argumentou, conversou, se explicou e conseguiu até um acordo entre as duas gangues rivais. Ninguém roubaria nas suas quebradas, ninguém roubaria os seus e o sangue dos seus não seriam derramados por motivos banais nem nada disso. Em troca

ninguém via nada, ninguém saberia de nada. Até porque, para ele, cada um fazia “os corres” como podia. Afinal, todo mundo tem que ganhar dinheiro para viver nesse mundo. Todo mundo tem que ter grana para comer, para “comprar os panos”, para se divertir, pra fazer os “rolês”, a questão é como ganhar esse dinheiro?

Ele sabia que os Negros e Negras na favela não são todos iguais, mas ele tratava todos de igual para igual, tratava todos como irmãos e irmãs. Luan sabia que nem todos tinham paciência para prosseguir nos estudos, para driblar as desigualdades, para seguir insistindo em um sistema que segrega. Então, ele simplesmente sabia que alguns manos da quebrada botavam o “ferro” na cintura e iam “ganhar” a vida da forma que lhes parecia mais acessível. Ele não possuía uma moral

burguesa nem nada, pois sabia que no “vixe”, na favela, na periferia, na comunidade seus moradores criavam e recriavam as regras de subsistência.

Luan era adorado e invejado, tudo ao mesmo tempo e não era de se admirar. Era um sonhador e nessa terra que tritura desejos, sonhar é tarefa difícil. Seu melhor amigo morreu aos 16 anos - assim como tantos outros colegas da escola que nem sequer tiveram oportunidade de chegar de fato a vida adulta - e a partir daquele dia ele prometeu para sua mãe que ia fazer a periferia mudar.

Quando nos conhecemos, nos corredores da universidade, ele estava pedindo doações de livros para dar continuidade ao seu projeto literário na periferia onde morava e eu larguei minhas amigas feministas que pagavam de desconstruídas, mas que não tinham recorte

de gênero, de raça, tampouco de classe e fui ouvi-lo falar. Ele me contou de seu projeto com brilho nos olhos e aquilo me incendiou. De cara pedi para participar

e então fomos descobrindo, conhecendo e chamando a negrada consciente e engajada da universidade para “colar junto com a gente no rolê”. E fomos tornando o sonho dele, que também era nosso, em um projeto gigante. Começamos pela quebrada dele, transformamos o “Vixe, tu mora nessa favela?” no “Eita que favela massa”. E depois o projeto virou itinerário e fomos seguindo, cada um para sua quebrada, mas o coração... Ah, o coração do projeto era no “Vixe”.

Nosso primeiro beijo foi no sarau literário que aconteceu na pracinha próxima de sua casa. Estávamos rodeados de livros, olhos e sorrisos negros, por todo o lado. Me

senti a Cinderela Negra, beijando um príncipe africano que não precisava esperar sapatinho nenhum ser perdido para me procurar, até porque o amor à periferia já tinha nos juntado.

No dia em que Luan morreu, ele acordou às 5h30 min, como sempre, e preparou o café da manhã para sua mãe. Os dois tomaram café juntos, enquanto ele contava empolgado que essa noite, teria mais um sarau periférico rolando na quebradas de sua cidade. Luan deixou sua mãe com um beijo na testa e a certeza de que a literatura, a cada dia, dominava mais uma quebrada. Nem dona Cidinha, nem Luan sabiam, mas nesse dia Luan não voltaria para casa. Na noite em que foi assassinado, ele voltava de um sarau literário que aconteceu em uma favela no outro lado da cidade e quando ia subindo os morros de sua quebrada, Luan, pelas costas,

em um tiro certo foi assassinado. Para o raio, para a ronda do quarteirão preto é preto e preto é bandido. E Luan era preto, suspeito número um então.

Luan da Silva. 25 anos, filho de mãe solteira, estudante de pedagogia, sonhador, fazedor de sonhos, traficante de esperanças e aliciador de menores. Tirava os pivetes da rua e dava-lhes uma outra possibilidade: trocar tiro de bala por poesia e educação. Luan da Silva, mais um negro que virou estatística, mais um negro que morreu nas quebradas onde nasceu, por nada e em vão. Mais um negro assassinado pela bala “perdida” da polícia que sempre acha um corpo negro para perfurar.

No noticiário, desse povo da bancada da bala, Luan foi chamado de suspeito e a molecada gritava: “Suspeito não. Luan era

cidadão!” A polícia em sua fala, justificou o acontecido como um equívoco, mas a gente sabe o que existe por trás dessa fala... Luan da Silva, mais um negro, dentre tantos outros, vítima do genocídio do povo negro. De quanto Luan's as quebradas eram feitas?

Mais eu sei - sabemos - que a luta não foi nem será em vão. Eu sei que os pivetes aqui da quebrada vão continuar seu tráfico de afeto e vão investir pesado na melhor das munições: A Educação! Eu sei que os moleques das quebradas não vão esquecer seu sorriso de menino e seu olhar de irmão. Eu sei que os moleques das quebradas não vão esquecer seus ensinamentos e que sua luta não foi nem será em vão. Eu sei que a esperança que ele depositava na rapaziada não vai ser substituída por vingança ou difamação. Eles querem nos calar, mas aprendemos com Luan,

que seremos nós, pretas e pretos, que faremos a revolução!

Daqui a seis meses, Luan terá um filho que vai dar continuidade ao seu tráfico de afeto e de esperança. Daqui a seis meses Luan renasce de novo. Na verdade, Luan renasce todo dia, em cada jovem negro que vence na vida. Seu legado não acabou e nem vai acabar. Seguiremos corrompendo menores, incitando o tráfico de afeto e a apologia à literatura. Seguiremos com o tráfico!

RABISCOS EXISTENCIAIS

inutilmente

inundo cadernos

cadernetas,

blocos de notas

e folhas soltas.

Deve ser fácil poetizar sobre a vida, quem
nunca teve “chagas abertas e corações
feridos”

quem nunca teve que contar moedas,

engolir o choro,

a fome,

os estigas

(todos eles)

e seguir

como se

nada nos

a/ t/ r/ a/ v/ e/ s/ s/ a/ s/

s/ e/

nos

di la ce ras se...

(Rabisco existências, vazios, crises e sintomas
de ansiedade)

ESCREVO EM PAPÉIS MANCHADOS DE SANGUE, DOR E MEDO

Há dias
em que escrevo.

Há dias
em que me recolho
em silêncio
e as palavras
(todas elas)
me atravessam
como quando por pura maldade
a PM passa e espanca os pivetes aqui do
bairro.

Há dias
em que me contorço por inteira
e não sai uma única palavra
uma única linha
tal qual as noites
em que passamos trancadas

em casa
com o barulho do helicóptero nos
sobrevoando,
as luzes rondando toda a casa
e o medo que temos deles arrombarem a porta
quebrada que não fecha direito.

Há dias
que até ensaio escrever
mas o medo de confundirem meu irmão de
bike com o que eles chamam de “marginal”
me faz desacreditar dos insights que de
quando em vez chegam até mim.

Há dias
no entanto
como hoje
em que tudo isso vira revolta
e escrevo
como quem pede socorro
como quem não se cala
como quem em tom de denúncia

grita, revida e chora...

Há dias

como hoje

em que escrevo

e por algum motivo

momentaneamente

isso me basta.

POEMAS VIVOS

Faço poemas invisíveis
quando nos sentamos à beira-mar para ver o
pôr do sol em uma tarde de sexta-feira
ou quando ao lado de tantas outras mulheres
negras gritei “Ele não” em 2018 e de punhos
cerrados disse: “mulheres negras resistem!”

Faço poemas indizíveis

quando teu corpo se junta ao meu e
misturamos cheiros, fluidos e sons
ou quando não deixo mais os estigmas e o
julgamento alheio me afetar e me permito ser
quem sou

Faço poemas vivos

Quando

mesmo nos querendo mortos
sorrisimos, amamos e vivemos
como ontem, como hoje.

MARCOS

de sá

ESCRITOR, ROTEIRISTA E EDUCADOR SOCIAL. AUTOR DE "RECICLÁVEL: ACOMODE-SE OU RECICLE-SE" E "O BAÚ DE SHAILO", E ORGANIZADOR DA COLETÂNEA "SOMOS A PERIFERIA QUE ESCREVE".

IDEALIZADOR DE PROJETOS SOCIAIS DE APOIO AO LIVRO E LEITURA COMO O PRÊMIO BOOK BRASIL E O PERIFERIA QUE LÊ.

REPRESENTANTE DO CEARÁ DA PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS (PBL).

MORADOR DO BOM JARDIM HÁ 25 ANOS.

educação



MUCHILINHA

“Por que você fez isso Eduardo?”, gritava Tânia enquanto puxava as orelhas do garoto com as duas mãos, sacudindo sua cabeça ao compasso de cada sílaba “Por – quê?”. Dois seguranças do supermercado e um dos professores do Wilson de Castro tentavam contê-la. Eduardo, sentado em uma cadeira enferrujada de cor vermelha, segurava as laterais como se estivesse grudado, sem dizer nada, apenas olhando para o chão onde ainda estava a mochila jeans aberta com coisas espalhadas aos seus pés.

Sua mãe pisava em uma toalha branca manchada de água sanitária, que dava tons amarelados e marcas do chinelo que arrastavam pra lá e pra cá. “O que foi que eu fiz da minha vida, meu Deus!”, repetia com uma mão na testa e outra na cintura. “Moço”, disse ela olhando para o professor “Eu crio três filhos, sozinha. Esse safado aqui é o mais velho. O pai deles nos abandonou, mas eu nunca ensinei nenhum deles a fazer essas coisas”. O professor Artur, segurou em seus

ombros “Calma, isso é coisa de criança. A gente só precisa conversar, ok?”.

Ao chegar em casa, Tânia finalmente pegou o cinto trançado, que pertencia ao ausente pai das crianças, e deixou muitos caminhos no corpo juvenil de Edu. Os irmãos menores, Samilla e Diego, de sete e seis anos, presenciaram o irmão feito um monumento açoitado que permanecia rígido. “Tá aqui a mochila”, esfregando no rosto suado do garoto “Agora ela está vazia, igual a sua cabeça, seu idiota”. Diego chorava em silêncio e fungava o nariz enquanto a irmãzinha nervosa o envolvia com um dos braços. “Você se parece com aquele desgraçado do seu pai, infeliz, tomara que esteja morto!”. “Eu quero saber o porquê você roubou aquele monte de troço! Como é que você se suja por papel riscado, lápis e aquelas bugigangas de ferro? Diz?”. “Não sei”, disse Edu com a voz falhando. “Não sabe? E quem é que sabe?”, ela o segura pelo queixo formando um biquinho com a boca e alinhando os olhos dele ao dela, “Olha, a sua sorte é que não foi em época de aulas normais, pois a vergonha seria maior. Você não vai mais pra essa colônia de férias e nem

estudar no Wilson. Vou tirar você de lá. Onde já se viu? Correndo feito bandido”.

Os dias que se seguiram, eram silenciosos. Todos pisavam no chão de tijolos vermelhos como se comportassem dinamites, menos Tânia, que não necessitava de palavra alguma quando seu pisar forte dizia tudo. “Vamos brincar de escolinha”, disse Samilla à Eduardo quase cochichando, e mesmo assim ele colocou rapidamente o dedo na boca lhe pedindo mais silêncio do que o que já se estabelecera.

Passados seis dias, Eduardo ainda conferia a pele do braço direito, e descascava a ferida trançada que ainda não estava sarada por baixo. Uma água escorreu, e ele pressionou a parte levantada como se pudesse colar de volta. A colher que mexia o arroz com ovo, não tocava o fundo da pequena bacia de alumínio, receosa de causar algum ruído desagradável. “Nunca mais a gente brincou de escolinha”, insistiu Samilla fazendo dessa vez Eduardo arregalar os olhos num sinal de repreensão.

O momento de maior alívio era quando a mãe assistia o programa policial, que mostrava partes das vítimas sem tarja ou desfoque. Era

tudo a olho nu. Ela mastigava a gema de boca aberta enquanto o repórter narrava “Olha a perna exposta da passageira, onde veio parar!”, e ela comentava todas as matérias como se fizesse parte da equipe de narração “Meu pai do céu, coitada, imagina como a família dessa pobre deve estar sofrendo”. E logo após na matéria sobre assalto, ela aproveita pra alfinetar o filho de doze anos “Ô coisa triste meu Jesus, a pessoa pegar as coisas alheia e ser jogado feito um cão nessas caçambas da polícia. Imagina como fica a mãe de um miserável desses”.

Do quarto, as crianças ouvem e cochicham, quase fazendo leitura labial. “Por que você não quer mais brincar de escolinha?”, Samilla insiste mais uma vez. Entediada das férias sem programação alguma, sua única diversão do dia era brincar com os irmãos. Ela puxava a cadeira para Eduardo e colocava a mochila dele em cima, enquanto sentava com Diego na cama de solteiro, posicionados em frente ao “professor”. O professor Edu. “Você sente tanta saudade assim da escola? E quando tem tarefas de verdade, não quer fazer”, diz Edu com tom de sarcasmo. “É que as suas aulas

são mais divertidas”, devolve ela. “Eu gosto de pintar”, completa Diego.

Samilla abre a gaveta da cômoda que pertence a Eduardo e procura algo. “Não está mais aí, joguei tudo fora”, ele responde. “Por quê?”, diz ela aumentando o tom de voz. “Psssssiu”, ele a repreende, “Não vai ter mais escolinha. Não daquele jeito. Acabou o material”. “Você foi descoberto?”. “O que você tá dizendo garota?”. “Eu sei que você foi pego roubando o material da escola e saiu correndo, mas seu professor te perseguiu, você tentou se esconder no Max Supermercado, e foi encurralado”. “Sério?”, diz Diego surpreso. “Não é nada disso Diego, a Milla tá inventando. Eu não sou ladrão. Onde você ouviu isso?”. “Quando você foi comprar ossos pra colocar no feijão, a mãe foi ao orelhão da calçada, e ouvi ela contar para a tia Tereza. E eu sei que é verdade, pois se não fosse, você não escondia coisas no fundo da gaveta”. “Você tá ficando muito esperta, Milla. Mas não é tudo como você imagina”.

“Muchilinha!” grita Romualdo no portão. “Quem é Muchilinha? Não tem ninguém com esse nome aqui não!”, Tânia devolve irritada

“Ó Romualdo, o Luiz Eduardo tá de castigo e tão cedo não vai sair. Aproveita e avisa aos meninos do videogame, pra nenhum vim perder tempo aqui no pé do meu portão, ok?”. “Ah! E tem mais, pare de chamar ele desses apelidos, porque eu não ando criando malandro não. Ele tem nome”. Tânia bate a porta e vai ao quarto, onde as crianças estão falando baixo e se assustam com sua entrada brusca “Por que esses moleques tão te chamando de Muchilinha? Eles tão te zuando pelo o que você aprontou?”. Eduardo balança a cabeça em sinal negativo. “Pois fala, eu tô esperando”, ela cruza os braços o encarando de cima pra baixo enquanto ele ergue a cabeça e desencosta da lateral da cama. “Porque eu só ando com mochila nas costas”, ele fala desfazendo os nós entre as palavras. “Todo mundo anda de mochila nas costas. Que conversa é essa?”. “É que, na colônia de férias ou nos acampamentos da igreja não precisa levar mochila, mas eu levo”. “Levava”, ela corrige, tirando a mochila vazia do cabo da cadeira e rasgando-a em três pedaços ao chão. Eduardo chora.

“Você não derrama uma lágrima quando pega o que não é seu. E nem quando o cinto de

couro canta nos teus lombos. Mas chora com um pedaço de tecido rasgado. Incrível né? Agora se for roubar, pega uma sacola. Mas por favor, não volte mais pra essa casa”, ela se retira, liga a TV, dá umas porradas pra sintonia voltar e senta na cadeira pregando malha nos tapetes que lhe foram encomendados.

“Não chora irmão”, Diego passa seu pequeno dedo indicador sobre lágrimas quentes e caladas. “Tudo culpa nossa. Você pegava aquilo só pra brincar de professor com a gente”, diz Samilla cabisbaixa. “Não. Não se culpe. Tem uma janela aberta no refeitório que dá para uma sala do jardim de infância. Lá tem um armário, com atividades de 1997, elas não vão ser mais usadas. São aquelas que trouxe da primeira vez. Também tinha aqueles lápis de cores desgastados, as borrachas, e as tintas guaches. Vai ser tudo renovado esse ano. Eu pegava antes que tudo fosse para o lixo. Só que dessa vez, eu tive a triste ideia de pegar o grampeador, os grampos e os pacotes de canetinhas ainda fechados. Foi isso”. “Você gostava da sua mochila né?”. “Gostava. Era tudo o que eu tinha de meu”.

Tereza, a irmã mais nova de Tânia, brigou com o marido e veio passar uns dias na casa da irmã acompanhada de sua filha Rebeca. A menina de dez anos, era mimada e gasguita, o que deixava Tânia com os nervos a flor da pele. “Amor, faz silêncio que a titia quer assistir”, dizia ela à sobrinha forçando carinho. “Vá brincar com a Milla no quintal, vá”. Numa tarde do fim de janeiro, a menina virou das mãos da própria mãe, um prato cheio de cuscuz com leite. “Não quero comer isso. Quero achocolatado”. “Filha, a mamãe já disse que estamos sem dinheiro”, responde Tereza pegando o pano de prato preferido de Tânia e enxugando a mesa respingada. “Tereza, desculpe me meter”, diz Tânia no limite da falsa paciência, “Mas isso não são modos de uma menina falar com a mãe. Se fosse filha do nosso pai, nessa hora estaria apanhando de galho de goiabeira no meio da rua”.

Eduardo, que cedeu sua cama para a tia, e dorme com Diego em redes na sala, parece gostar do caos que a casa se tornara. Ele sente como se tivesse deixado de ser o foco principal e passou a ser um coadjuvante da tempestuosa Rebeca. “Tânia, eu lembro do papai, e por isso não quero que minha filha

“passe pelo o que passei”, é o que Tereza devolve.

Quando Diego estava com quarenta graus de febre, Tânia precisou deixar os filhos aos cuidados de Tereza. Apesar da preocupação de Eduardo com a recuperação do irmão, sentiu que a casa tinha um peso diferente com a ausência da mãe. Ele até tentou convencer a tia a deixá-lo jogar videogame na outra rua, mas ela receava “É melhor não. Se a Tânia descobrir vai sobrar pra mim. Ainda mais depois...”, ela tentou desconversar, mas o sobrinho sentia-se à vontade com ela “Eu sei o que a senhora quer dizer”. “Edu, eu sei que a sua mãe é um pouco áspera, mas tenha paciência com ela. Você não imagina como ela ficou mal quando teve que buscá-lo naquele supermercado”. “Eu imagino, tia”, disse ele voltando ao quarto.

Enquanto as meninas brincavam no quintal, Tereza sentou ao lado de Eduardo na cama “O que aconteceu?”. “Pra quê contar, se não importa?”. “Se eu estou perguntando é porque importa”. “Nada. Eu só peguei umas coisas velhas que iam pro lixo, o professor viu e foi isso”. “Se iam pro lixo por que não pediu? Não

era mais fácil?”. “Não. Nem os professores da colônia de férias sabiam que aquela sala estava aberta”. “Mas você acha correto o que você fez?”. “Não. Eu não acho correto”. Eduardo se levantou e ficou sentado no batente da cozinha observando as garotinhas brincar de compras no shopping, com sacolas penduradas nos braços.

Nos meados de fevereiro, o professor Artur, veio à casa de Eduardo conversar com Tânia, faltando uma semana para o retorno das aulas. “Não professor, depois da vergonha que me fez passar, não tenho nem cara pra deixar ele pisar no Wilson”, disse ela esboçando exagerada simpatia. “Olha sra. Tânia, ninguém ficou sabendo do ocorrido, e eu não contei nem mesmo à direção. Eu estava dando aulas voluntárias de pintura a eles, e vi o Edu, saindo da janela do refeitório. Eu só queria conversar...” defendeu ele com contrição. “Ai professor, pode parar, não quero nem saber detalhes. Eu passo mal só de reviver aquilo”. “Tudo bem, mas repense”. Eduardo ouvia atento do quarto quando a mãe o chamou. Seu aspecto estava pálido e ele não soltava as mãos. “Que cara é essa? É vergonha de ver o professor né? Pois é, ele veio aqui de boa

vontade, por que ainda se importa com gente rebelde feito você. Devia agradecer”. “Não precisa. Vejo que ele está bem e faço isso porque sei que o Edu é um bom menino”. O garoto permaneceu imóvel sem conseguir encarar Artur de frente. “Vai falar nada não, mal-educado?”, Tânia dá um leve tapa no ombro do filho, e ele finalmente ergue o olhar pra dizer “Obrigado, professor”.

“Olha, professor Artur, só vou deixar ele voltar porque o senhor tá me garantindo sigilo. Nunca dei motivo pra vizinho nenhum falar mal da minha vida. Sou mulher honrada e não aceito safadeza dentro da minha casa. E também, porque ia me dar um trabalho danado arranjar vaga por aqui. Não compro mais nada no Max, depois do ocorrido, aqueles dois seguranças devem nos ter gravado na memória. Próxima semana ele chega lá. Obrigada”.

“Não tem de quê. Qualquer coisa, se precisar, é só procurar pelo professor de matemática da 6ª série, estava louco pra retomar minha vida normal. Recreação é legal, mas faz uma sujeira”. Ele ri, passa a mão na cabeça de Eduardo e aperta a mão de Tânia. Antes de

sair acena para Tereza e as outras crianças que desentocam de dentro do quarto como se ansiassem sua saída.

“Que gato hein Tânia”, explode Tereza ao ouvir o portão bater. “Fala baixo, o homem ainda deve tá perto. E vê se apaga o fogaréu porque não dou uma semana pro Rogério bater aqui e te levar embora”. “Viu como ele olhava pra você?”. “Ah mulher, eu lá quero macho. Deus me livre. Tô muito bem sozinha”. As crianças riam como se entendessem a conversa tendenciosa das irmãs. “Vão brincar, saiam daqui e deixem de tá escutando conversa”.

As feridas de Eduardo ficaram rosadas após o cair das casquinhas. Mas algumas continuavam abertas, aquelas que não se veem com olhos naturais. O retorno à escola o deixara com um embrulho no estômago, mas sabia que não adiantava dizer nada. Apenas aceitar. O que o deixava mais confortável era saber que o movimento do Wilson de Castro voltaria ao normal. Alunos fardados com aquelas blusas de mangas verdes, todos os professores de volta, a diretora, o porteiro que se tornara um grande amigo de Eduardo, e os colegas que o chamava de “Muchilinha”.

A mãe chamou Edu ao quarto dela e tirou do guarda-roupa uma mochila. Era a mesma. “Mandeí remendar”, disse ela “Agora, que ela sirva pra guardar seus livros, e somente os seus, entendido?”. Ele assentiu com a cabeça e não se importou com a linha branca que perpassava aqueles remendos perceptíveis ligando pedaços azuis.

“Muchilinha!”, acenava os colegas de classe que acompanhavam Eduardo em quase todos os anos. “Nesse ano me chamem de Edu, por favor”, pedia ele a todos que o chamavam assim. “Não quero mais ter esse apelido, é sério”. Tão sério, que os garotos mais debochados, acatavam.

O caminho de ida e volta de casa à escola, era o que Eduardo chamava de quinze minutos de liberdade, mesmo sob o sol escaldante que o esperava no término das aulas. Ele fez novas amizades, e procurava ao máximo ficar acompanhado, todo o tempo, o tempo todo. Principalmente no retorno para casa. Os irmãos pequenos não queriam mais brincar de escolinha, pois já tinham lições o suficiente para Eduardo ensinar. Ele fazia questão, apesar das vezes que suas próprias lições o

sobrecarregavam. Pois sabia que o jugo da mãe ensinando era muito pesado, tão pesado que nem os bois suportariam. Casa e escola, para aquele menino com uma dúzia de anos vividos, era um peso que ninguém podia enxergar. E quem queria ver?

Principalmente, às terças e quintas, dia de matemática. Onde, por fim, o professor, Artur Jardim, foi à carteira do menino e escreveu numa folha de caderno fingindo o orientar “Não pense que esqueci aquele golpe de mochila que você deu na minha cara. Que coisa feia!”. E Eduardo, com mãos trêmulas, observando ao redor e completou “Você me autorizou pegar as coisas daquela sala, pra depois me prender, e fazer aquelas coisas horríveis que eu pedi pra você parar”. Artur continuou “Você roubou porque quis garoto. E agora precisa fazer o que mandar. Nem sua mãe acredita em você”. E então finalizou “Você nunca mais vai tocar em mim. Prefiro ser preso da próxima vez”. Eduardo deixou uma lágrima escorrer, sentindo um cheiro forte de perfume vindo da blusa de Artur, e num impulso arrancou a folha do caderno, e tentou sair correndo. O professor o pegou pela manga

da blusa, e com um dos braços desocupados Edu acerta a mochila nele.

Após consegui se desvencilhar do agressor, corre em direção à diretoria com o papel amassado nas mãos. “Me ajuda, senhora Glória”, entrega o papel à diretora quando Artur entra na sala “Me entrega isso Glória”, exige gritando com um dos braços esticados. Sem defesa, o papel é arrancado das mãos da mulher, picado e jogado na lixeira. “Você vai me pagar caro por isso”, ameaça com o dedo apontado ao menino e sai. Eduardo nervoso, chora e conta a verdade à mulher, que também treme sem entender nada. Acreditando na versão do menino, a diretora chama a polícia, mas o professor de matemática desapareceu. Tânia é mais uma vez solicitada. Entra nervosa, querendo agredir o garoto sem nem ao menos ouvir o ocorrido.

Após o resultado da perícia, confirma-se a versão de Edu sobre os pedaços de papel na lixeira, e Artur Jardim, permaneceu sumido. O retrato falado fez o número de vítimas procurarem a polícia, e confirmar, que há anos ele comete esse tipo de crime contra crianças

e adolescentes. Loiro, simpático, agradável. Pedófilo.

Tânia, que naquela manhã, largou a massa de bolo sobre a mesa, pra comemorar a reconciliação da irmã com o cunhado, que a levava com Rebeca de volta pra casa. Agora, com as mãos na cabeça, sentada em frente ao menino, questiona:

“Por que não me contou antes, filho? Por quê?”.



PAULO RICARDO

schneider



UM GRIOT, ESTUDANTE DE HISTÓRIA, ESCRITOR, PESQUISADOR, ATIVISTA SOCIOAMBIENTAL, MORADOR DO BONJA, GOSTA DO MAR, SABE NADAR PRA NÃO MORRER, GRITA QUANDO SOFRE, CHORA QUANDO TRISTE E LOGICAMENTE COMUNISTA.

nd da
Ich p
nicht b
mal sp
du das?
»Ja, n
»Ich n
s?« Er
ch bitt
Muskel



Cesárea

Brincando sozinho com as pedrinhas do quintal eu me via tentando entender de onde elas vieram e logo cheguei a conclusão de que não sabia; aí eu inventava a origem e depois destino que elas poderiam ter. Me questionava ainda mais sobre a origem da chuva e das gotículas que davam um contorno translúcido aos meus olhos. *Olhos de obsidiana*, me lembro de uma voz esmaecida do passado dizendo-me algo assim. Olhos que nada revelam sem que afogue o espectador.

Na infantilidade alheia do mundo, eu dava nome ao desconhecido e lhe concedia o fascínio da história que eu inventava, mesmo assim, sempre me vinha a ilógica sensação de estar errado sobre tudo. Mas que importa? Naquele quintal eu era Deus. E Deus não duvida de si.

Segurava firme nas mãos o poder sobre as pedras, os caracóis, as plantas, as trilhas na terra úmida que fiz e principalmente - de modo ditatorial - sobre as formigas. As formigas eram minha pequena humanidade - o protótipo do que virá ou é -, fico pensando como elas enxergavam seu gigante-Deus comparado ao seu reduzido tamanho de formiga. Elas têm esse privilégio: ver seus deuses. Segundo a ciência, as formigas são insetos que vivem em colônias. Na verdade, sempre as encarei como uma metáfora. Nunca me foi incômodo observá-las, ou por elas ser picado, tudo é seu destino de formiga, sua natureza; seria nosso destino apenas uma parte de nossa indeletável natureza? Que tipo de destino pode ter uma formiga senão estar junto das suas e fazer crescer sua colônia? Que curiosidade poderia ter do mundo? Mundo este que de tão imenso não a comporta.

Mas havia um domínio naquele meu pequeno universo. Algo infinitamente maior, imperando sobre minha divinação inventada. O pé de caju. Eu não possuía poder algum frente d'Ele. Era mais imenso que eu, com a sua copa que escondia o céu, constantemente principiando entre a chuva e o sol. Sem saber ao certo o porquê, eu o adorava em silêncio, emudecido pela magnitude sobrenatural de uma árvore mais antiga que eu, pertencente aquele chão sustentado pelas suas raízes quilométricas; fazendo de cada grão uma digital irreconhecível do tempo, das pessoas sob e sobre aquele solo. Sua resina que escorria pelo tronco, eu moldava como palácios de âmbar para as formigas, não os cupins - nunca eles -, as formigas. Os cupins eu odiava o cheiro, nunca os dei origem, nem história, e sequer um destino. Exclui os cupins da gênese do meu mundo.

O mais absurdo de tudo é que eu não comia caju, eram azedos os que eu conseguia alcançar e os mais maduros caíam de podres; eu os dava às aves – eu dava-lhes esses cajus, com uma misericórdia meio reverência.

Para os pássaros – sobre mim – eu nunca fora Deus. Eles sabiam voar, eu não. Como anjos que olhavam minha pequena pangeia de formigas, resina, pedras e caracóis. Uma fraude.

Fui tomando a forma hercúlea – a carcaça –, que os homens tomam ao longo da vida e no passar dos anos fui deixando de frequentar o meu reino, esquecendo um universo inteiro à minha espera, devotado com minha falta e com o tempo que se contorcía rente aos galhos. E seguí afastando-me de uma sobrenaturalidade maior que eu, um útero que pulsa entre aquelas raízes de cajueiro.

Em muitos momentos olhei de relance o quintal atrás do portão: verdejante, terroso, idêntico a como eu o deixara. Nem mesmo os caracóis tinham saído de seu território que limitei com pedras para que estes não destruíssem os Reinos das Formigas das Raízes. Chorava por amor no batente da porta; a porta-portal que me oferecia o passado e que eu teimava em não bulir.

Meu império reinava por si só, sem que fosse preciso um Deus. Conforme eu crescia o quintal se apequenava, era possível ver os limites do mundo nos muros cobertos de clitórias. Passei a observar ainda mais disperso as formigas em seus reinos; os tais palácios de âmbar dobraram de tamanho e os cupins parasitaram o tronco do cajueiro, corroendo-o, tornando o Deus-cajueiro oco e ainda assim ele era capaz de me eclipsar.

Quando eu for poeira, quero misturar-me as areias deste quintal e viver o mundo que criei. Na verdade, é mentira, eu não o criei. Tudo que há no quintal deriva do cajueiro, são suas raízes que cortam o chão, são suas folhas que tornam os raios de sol solúveis aquelas formigas, eu sou uma sombra apocalíptica que observa a pequenez bravia de suas existências. Uma criatura que, para no tempo de vida de uma formiga, têm extrema durabilidade.

Fui regressando timidamente ao quintal, com os olhos amedidos, ansiando pela resposta que poderia dar-me o contato com o cajueiro e suas sábias formigas. Desesperado pelo regresso imediato à outrora. Olhei como nunca o cajueiro, sua grandeza catedrática me desconcertou. Exigi respostas que apenas me foram respondidas com o sussurro das folhas verdejando, me dizendo o inaudível, aquilo que

minha cognição humana é incapaz de assimilar. Eu queria saber de onde viera a vida; uma pergunta inquieta, arrogante e afoita.

Tem uma pequena abertura no tronco, aquela abertura que existia há anos e por onde a resina escorria para as formigas e seus palácios. Aquela fresta que excisei na árvore decepara algo... uma coisa que une todas as coisas. Uma parte vital do universo. Uma fresta indispensável que atravessa tudo. O corte me remeteu à vagina, ao nascimento, à ideia de uma árvore mãe. Aquilo que a cabala chama de árvore da vida. Aquele corte era um pórtico para um mundo-além. Então eu o transpus.

Queria ter nascido como todos nascem; pela vagina, o portal da Terra. Aquele lar estrangeiro de onde eclodem as almas deste mundo só; uma vazão inominável do corpo

para o que é material, o dado nome do mundo: real. Sinto que não ter saído da vagina faz com que eu não tenha nascido. Então eu não nasci, uma criatura que não nascera. Assim são todos que não nasceram da forma natural? Não-nascidos?

Minha mãe não poderia ter me colocado no mundo da forma que a natureza espera, seria doloroso, perigoso, úmido.

Divino demais para um homem desprovido de alma. Me sinto embutido em uma dobra de carne que faz de mim nem gente e nem espírito, nem coisa alguma ou tal coisa. Somente algo indefinível. Quero ter a possibilidade de não falar sobre meu nascimento, mas, minha cabeça não se deixa calar, exigindo do meu tato com o verso uma forma de narrar aquilo que eu defino como triz. O triz do nascimento; a gestação ela é mais concreta, é o corpo tomando forma, mas

a vontade invisível do nascer é diferente, faz o corpo liberta-se e ali há o triz. Pensar em nascer faz de mim uma criatura completamente adversa à ideia da morte, e eu não tenho medo da morte, é diferente disso, eu tenho é ânsia pelo nascer.

Olhando para fora do que me prende - as reticências da vida que não levam a lugar algum -, um corpo sem corpo, fixado na palavra *espírito*, por entre a matéria e o nada. Nesta pequena fissura sem batismo, esquecida pela vontade das horas, pálida e terrena.

É como encarar o espelho e tentar desvendar o que existe no limite entre eu e o reflexo; tentando alcançar aquilo que não se exprime, o intocável. Finjo que sei das coisas por apenas não aceitar de forma crédula a ignorância do lapso do triz. A ínfima força com a magnitude capaz de dar vida a morte e vice e versa. Essa seja porém a brincadeira sem

graça que o universo nos faz: nunca saberemos o que é o triz. Se o descobríssemos iríamos definí-lo e a alma fingiria quietude. Seria um trauma irreparável, uma descoberta embutida no caos, como olhos que se dão conta da noite. Quando me volto para o universo... - e eu não sei se nascer é o próximo passo do agora ou se a morte é o nascer para que o retorno deixe de ser inevitável. O que eu sinto é o pavor primal que o meu corpo sentira a poucos segundos do triz, o pavor do que está logo ali...

Percebi que não havia mais saída daquela fresta, me engondei no vazio e nas teias que tecem o mundo, fui parar nas paredes da memória, como um quadro semi-iluminado. Depois de olhar meu corpo ser consumido pelos vermes, me percebi na imensidão incalculável do quintal, com aquele cajueiro ainda mais imenso sobre mim. Sentia-me leve,

os grãos de areia eram agora pedras, minhas patas, minhas antenas, meu palácio de âmbar.

AS VÍSCERAS DA TULIPA

Dezenove horas e eu ainda estou em casa como se o mundo fosse meu. Eu não sou minha própria patroa coisíssima nenhuma, sou mesmo é minha própria escrava. Meu batom anda tão barato...vou pensar em pedir na revista um melhorzinho. O leite das meninas tá acabando também e como é que paga leite, bolacha e batom? E agora Vitória quer ir pro ballet e tenho que comprar a roupa pra ela dançar, e tem que ficar bonita.

Me sinto enjoada demais desde a manhã. Ando observando o mundo de um jeito esquisito, como se cada coisa que estivesse sobre a terra me desse uma sensação...diferente? Não consigo decifrar direito o que acontece.

Acordo muito cedo para ir na padaria e comprar o pão das meninas antes delas irem para escola, todos os dias faço a mesma coisa.

Já voltando da bodega com o pão na mão, olho se tem muita gente na parada de ônibus, logo eu também preciso pegar a condução e ir fazer diária. Chego em casa, acordo as meninas, ponho café no fogo, arrumo elas bem direitinho e levo para a escola.

Hoje não, hoje foi muito estranho. Está sendo. Não quero me levantar, não quero comprar pão, nem acordar as meninas, nem levá-las para escola, nem nada. Só não quero olhar minhas desgraças de perto, de forma tão próxima que seja possível tocá-las sem erguer as mãos.

Fiquei deitada. Silenciosa, observando os fios de luz entrarem pelas telhas quebradas e escorrerem pela parede sem reboco, caindo sobre mim, melancólica, sobre meu cadáver espalhado no lençol fininho do Pio Pio. Esse lençol foi presente do Cláudio, pai da primeira, Vitória. Ela foi feita aqui mesmo nessa cama

de tijolo. Mas hoje eu não estou nem feliz por ter tido filho e nem triste. Não sei que palavra se dá a não vontade do não sentir. Não me decepciono e muito menos me surpreendo. Não posso chorar porque não há tristeza, nem rir pois seria falso da minha parte. Quero ficar na cama e me acovardar do mundo, não ver o sol, nem o canal fedido passando aqui do lado, nem a vizinha cobrando o aluguel, nem o ônibus sufocado de gente. Quero este silêncio que reina sobre mim; que me apequena a ponto de meu corpo ser um cisco incomodando o destino.

O sol continua subindo e minha vontade de levantar morrendo; morta-viva, preta-pálida, cadáver-de-mãe-solteira; qual seria a manchete se me encontrassem aqui? Mas eu não estaria morta, logo iriam verificar meu pulso e constatarem "*ela está viva?*". E meu corpo inerte diria o contrário, e ele, o corpo,

como que respondendo o legista diria "*ela nunca esteve*".

E Vitória? E a pequena Rebeca? As meninas ficariam sozinhas nesse mundo cão. Sem mãe nenhuma, se elas pelo menos tivessem uma avó. Toda criança devia ter uma avó, é mãe duas vezes!

Fiquei deitada, estou aqui, acolá, às vezes indo e às vezes voltando. Meu corpo bailando petrificado na cama, olhando para esse imenso nada através de todas as frestas do telhado, as frestas de todo o universo me chamando e fazendo minha alma ir caindo para o alto. Tenho muito medo de morrer, e não digo isso na rua, é perigoso dizer que se tem o que é inelutável. Dizer o que se teme em voz alta é atrair o próprio medo. Agora eu já não tenho mais medo da morte, sinto que as frestas das telhas me dizem que a morte observa por entre elas mas não devo temer;

ela me acompanha em silêncio, me vela nas noites de trabalho, chora quando eu choro, ama quando eu amo e num dia de cores sólidas vai me beijar. Pretendo morrer sem deixar rastro, morrer com sangue é tão sem originalidade, faz tudo parecer macabro e ainda deixa trabalho para quem fica. Vou morrer sem sangue, súbito. Puf. Foi-se. Uma paz inominável; ainda assim uma paz morta. Tal coisa-não-viva. Não tenho tempo para que a morte me desperte e ergo da cama ainda com suor na testa refletindo no espelho gasto diante de mim. Aquela mulher igualmente sem nome fitando-me com seus lábios cerrados, grossos e sem cor. Peguei a chinela embaixo da cama desejando que lá não estivessem e assim usasse de argumento para não começar meu dia; direi então que atrasei e não levarei as meninas na escola.

As levarei à praia! Olharemos o mar, ficaremos na areia quente, posso comprar picolés para as duas e montar um castelo de areia e assim nossos corpos cansados do ônibus se fundirão a cada grãozinho minúsculo que compõem a imensidão do que é a praia. Me sentirei como na infância: com as costas ardidadas deixando o vento cortar a pele queimada de sol e fazer-me areia, ser uma parte inquebrantável da força das ondas e das eternidades de que são feitas as areias do mundo. Acho que as areias do mundo são fragmentos ínfimos do que já foi, do que é e do que será. Todas as coisas do mundo são areia, das mais belas as mais feias, das mais ricas as mais pobres, cada homem e cada mulher. Somos areia na eternidade, cheias de uma minúscula eternidade que foi dada com a junção da finitude que ainda assim se mostra gigantesca diante do nosso tempo-humano.

Contar o tempo é uma escolha humana, uma errada escolha humana. Para não dizer uma burrice.

Não fiz o café, não comprei pão, não arrumei as meninas para a escola. Peguei as duas, botei numa roupinha de sair e fomos para parada de ônibus, rumando para a praia. Rumando uma estrada de chumbo espessa e quente para qualquer lugar que tivesse um sinônimo de liberdade. Tudo aquilo me dava uma ânsia pela vida como em muitos anos eu não sentia; meu corpo se dava conta do sangue e do coração pulsando.

Vitória não perguntou porque iria faltar a escola, não estava animada e nem mesmo desgostosa, indiferente. Rebeca gritava animada para subir logo no ônibus e rumar comigo o caminho mais desconhecido que vira nos seus primeiros 5 anos de vida; por ela eu diria então que vale a vida o valor do sorriso

que tem uma alma jovem. Esperançosa das cores que ainda não descobriu. Minha cor predileta é vermelho, o vermelho dos meus lábios a noite dão um ar novo neste corpo cheio de hematomas sem tom.

O ônibus rosna abrindo suas portas, até disso a pequena sorri. Rebeca passa por baixo da catraca sujando de leve seu vestido novo, digo novo porque foi comprado para o último natal e estamos no meio do ano seguinte.

Já o corpo de Vitória era mais rígido que o meu. Pois *num é que a mulher é braba!* Sequer fazia careta quando o ônibus dava um salto no quebra-molas. Ela se construía em silêncio comigo, como se preferisse estar na escola. Compreendo ela não querer ficar na minha presença, ainda existem ruídos nas nossas conversas, quando elas existem. Vitória guarda uma memória do pai diferente da minha, ela sente como se eu a tivesse levado

da vida de Cláudio mas não foi isso, nem um pouco isso! Ele teve seu momento de afeto e logo depois se mostrou a pior pessoa que eu já dividi uma cama, levando em conta meu trabalho, não é surpreendente conhecer pessoas horríveis, só que ele tinha uma maldade refinada, uma voz meio muda capaz de desferir golpes duros, maligno jeitoso. Comentários desconectados, fora de contexto e velados por uma vontade genuína de magoar e diminuir.

Chegamos na praia com os olhos fixos no horizonte azul, com as cores de minha infância, que não desbotaram nada: areia, água, barracas, sol, nuvens, tudo. Chamo de liberdade o fato de nossos três corpos atravessarem a areia escaldante e se chocarem nas ondas do mar, do mundo. Sim, liberdade porque desconheço algo que defina melhor a materialização do que é não estar

preso ao chão ou a vida; desprender-se numa contínua guerra entre o humano e o sobrenatural. Sem trégua para as necessidades disformes de minha alma impelida contra o corpo magoado, ofegante, fazendo o espírito se dilacerar. O espírito que não voa pois não tem memória de suas asas, um corpo que não se move por que não se lembra do que é estar vivo. Na vida morre-se mais vezes do que se é capaz de ressuscitar. A distração perfeita para o universo.

Segure minha mão, Vitória, tome minha mão e me tire do mundo. Segure minha outra mão, Rebeca, me leve além do que eu posso prevê, uma terra estrangeira para meus pés doídos, um ar indescoberto para minhas asas podadas. Por isso se educam as crianças, numa tentativa animalesca de domesticar o instinto que permitiria a liberdade tomar forma; a gente entra no mar de roupa se

escondendo do sal e do sol, temos o falso pudor pelo o que é mais real que minha própria existência ou a de qualquer outro ser preso neste planeta. Tirei meu biquíni, pedi que Vitória o fizesse e Rebeca logo repetiu minha contravenção. Ficamos nuas para o mar, e deixamos o sal tomar nosso corpo por inteiro; creio que o útero de minha mãe era salgado. Olhando-as livres me faz desejar a vida como nunca, permite que meu espírito se encerre neste corpo, se finque como raízes perfurando uma calçada. Meu útero tem sal? Estou agora presa ao instante, a este momento que não é sublime e nem mesmo sagrado, são apenas nossos corpos se diluindo na espuma do mar, perdidos na imensidão sem estranheza para com as ondas. O agora. Este. Que torna-se este agora e não cessa. No ciclo de agora, agora e agoras. Não estou interessada no progresso ou

no amanhã. Eu quero o hoje sem espera, em uma definição imprópria do agora.

Diante do espelho o batom está rubro-vivo, meus lábios de onça são muito bonitos sob essa luz amarelada. Vitória e Rebeca dormem, metidas nos seus sonhos-mundo. Ponho o salto prata com a ponta gasta, pego a bolsa e o bilhete do ônibus, me vou. Não tem lua hoje, como ontem também não tivera e amanhã talvez seja só o reflexo do poste me dando um tom pálido. Sem movimento na rua. A madrugada sagrada das damas. Esse cigarro tem um gosto azedo, era o mais barato. A semi luz banha meu rosto bronzeado e salgado de mar, eu estou feliz por ser hoje uma companhia grelhada, temperada. Isso não é liberdade. Mas é o agora, sem dúvida. E o agora exige muito. Vou trabalhar hoje, amanhã e depois. Comprar uma casa boa e enfeitar a mesa de jantar com tulipas iguais às

da revista, observá-las até gastar a cor e chamar aquilo de que existe entre o sereno e o caos de vida.

[Antologia disponível no site](#)

Nós, escritores da periferia, erguemos nossas vozes em uníssono, para ressaltar a importância e valorizar a nossa presença e contribuição na cena literária. Representamos personagens historicamente silenciadas, trazendo à tona histórias e experiências para além da marginalidade que a sociedade nos condiciona. Nossas palavras nascem das lutas diárias, da resistência cotidiana, das realidades cruas e também dos afetos que nos definem, das alegrias que construímos. Somos narradores das nossas próprias vidas, expressando a complexidade das nossas comunidades e trazendo à tona as questões que permeiam nossas vidas. É chegada a hora de romper o tecido que nos sufoca e nos periferiza, nos aprisiona e nos transforma em subalternizadas. Somos muito mais do que meros espectadores das movimentações literárias.



seja marginal
seja herói

